



O declínio da comunidade judaica do Iraque no romance *Rokemet hachalomot mibagdad* (A bordadeira dos sonhos de Bagdá) de Ezra Tsabani

The Decline of the Iraqi Jewish Community in the Novel *Rokemet hachalomot mibagdad* (The Embroiderer of Baghdad's dreams) by Ezra Tsabani

Gabriel Steinberg*

Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo, Brasil

steinberg1818@hotmail.com

Resumo: O *pogrom* ocorrido em Bagdá em junho de 1941, serve como pano de fundo para o escritor Ezra Tsabani que, em seu primeiro romance, confronta o leitor com o drama vivido pela comunidade judaica do Iraque. Sua narrativa transcorre nas coloridas ruelas dos mercados de Bagdá, lugar onde vive Juliet, a primogênita da família Dashti, família esta que habita no antigo bairro judaico nos anos 40 do século XX. Juliet, a jovem bordadeira, trabalha arduamente para sustentar os membros de sua família que vivem uma realidade de pobreza e opressão, numa cidade onde paira um tenso clima de suspeita entre muçulmanos e judeus. Os acontecimentos desencadeados pelo *Farhud* abriram feridas que incentivaram os judeus a abandonar o Iraque rumo a Israel.

Palavras-chave: Judeus. Iraque. Literatura israelense.

Abstract: The pogrom in Baghdad in June 1941 serves as a backdrop for writer Ezra Tsabani who, in his first novel, confronts the reader with the drama experienced by the Jewish community in Iraq. His narrative takes place in the colorful streets of Baghdad's markets, where Juliet lives, the first-born of the Dashti family, a family that lives in the old Jewish quarter of the 1940s. Juliet, the young embroiderer, works hard to support the members of her family who live a reality of poverty and oppression in a city where there is a tense climate of suspicion between Muslims and Jews. The events unleashed by Farhud opened wounds that encouraged Jews to leave Iraq for Israel.

Keywords: Jews. Iraq. Israeli Literature.

* Doutor em Língua Hebraica e Professor do Departamento de Letras Orientais da FFLCH/ Universidade de São Paulo.



Rokemet Hachalomot miBagdad (A bordadeira dos sonhos de Bagdá) é o primeiro romance de Ezra Tsabani, escritor israelense de família iraquiana e lançado em 2016. Nesse romance, Tsabani conta parte da saga da mais antiga comunidade judaica, ao longo da primeira metade do século XX, época de grande conturbação social e política naquele país, assim como no restante do mundo. No anoitecer do dia 01 de junho de 1941, teve início em Bagdá um *pogrom* que em muito se assemelhou ao que ocorrera três anos antes na Alemanha durante a *Kristallnacht* de 9 de novembro de 1938. Naquela noite em Bagdá, a turba incitada pelo regime pró-nazista de Rashid Ali al-Gaylani¹ que tinha fugido de Bagdá, e com o beneplácito de membros das forças de segurança, espalhou-se pela cidade matando e saqueando a comunidade judaica. Era o início do *Farhud*² ao cabo do qual, 179 judeus tinham sido assassinados, e outros 50 mil tiveram suas casas e bens destruídos. Esse acontecimento deixou a milenar comunidade judaica atônita. As marcas deste ataque não se apagaram da memória, e as vítimas do mesmo perceberam que seu futuro no país não estava mais seguro. A partir deste acontecimento, teve início a fuga de muitos que começaram a sentir que o cerco contra a comunidade judaica começava a fechar-se.³

O atual Iraque foi a sede do antigo Império Babilônico, cujo rei, Nabucodonosor, exilou em 586 a.C. os moradores do Reino de Judá, destruindo o Templo de Salomão e arrasando aquela terra. A partir desse ano, formou-se a mais antiga concentração judaica, comunidade esta que perdurou por mais de 2600 anos, e que chegou a ser ao longo de vários séculos, o centro do mundo judaico. Foi também a sede da elaboração do *Talmud* Babilônico no século V da Era Comum, nas prósperas escolas rabínicas de Sura, Pumbedita, Machuza e Nehardea. No século X, foi o lugar de moradia e atuação do grande sábio talmudista, gramático e elaborador do primeiro dicionário da língua hebraica, Rav Saadia Gaon. Na Idade Média e sob os domínios persa e muçulmano, a Babilônia tornou-se o centro de sabedoria e de irradiação da

¹ Rashid Ali al-Gaylani (1892-1965) foi Primeiro-Ministro do Iraque em três ocasiões. Em sua atuação política, é lembrado como um exaltado nacionalista árabe que combateu a influência britânica no Oriente Médio em geral, e no Iraque em particular. Durante seu terceiro mandato, ao qual acedeu após uma revolta militar contra a monarquia e que durou de 1º. de abril até 30 de maio de 1941, aliou-se às potências do Eixo durante a Segunda Guerra Mundial, a fim de conseguir apoio em seu combate contra a influência britânica no Iraque. Durante seu terceiro curto governo, houve uma incitação virulenta pelo rádio e jornais contra a comunidade judaica do país, acusando-a de apoiar o regime monárquico que era pró-britânico.

² *Farhud*, antiga expressão curda formada por duas palavras: *Fir*, que significa medo, temor, e *hud*, a brutalidade contra minorias dominadas. MORAD, 2016.

³ TAGAR, 1981, p. 39.



cultura judaica medieval, até o deslocamento deste centro para a Península Ibérica no século XI.

Sob a hegemonia turco-otomana, aquele território chegou ao século XX, e após a Primeira Guerra Mundial, o Iraque passou ao domínio do Mandato Britânico em 1921, Mandato este que encerrou-se oficialmente em 1932, quando o país tornou-se independente sob o reinado de Faisal I, apoiado pelos britânicos. Durante esse período, o judaísmo iraquiano viveu sua própria “Idade de Ouro”, época em que o judeu Eskell Sassoon⁴ tornou-se ministro das Finanças. Após a independência o país viveu uma situação conturbada e em 1939, coincidindo com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, subiu ao trono Faisal II com cinco anos de idade, sendo representado no poder por um regente. A época foi marcada por uma acirrada disputa entre a elite pró-britânica e favorável ao Ocidente, e grupos ultranacionalistas que flertavam abertamente com os regimes nazifascistas europeus.

A embaixada de Hitler teve forte atuação na época, tentando transformar o Iraque em aliado do Eixo, e, a partir de 1933, o jornal *Al Ahalam al-Arabi* (O mundo árabe), publicou semanalmente em fascículos o *Mein Kampf* de Adolf Hitler em árabe, virando um *best-seller* no país.⁵ Em 1938, uma delegação iraquiana participou da convenção do partido nazista em Nuremberg e, a partir de 1939, a comunidade judaica do país passou a sofrer sérias restrições. Funcionários públicos de origem judaica foram demitidos, e um rígido controle foi imposto sobre as instituições escolares que passaram a ter professores muçulmanos especialmente designados pelo regime, com o intuito de ter um controle sobre o sistema escolar da rede judaica de educação. No mesmo ano chegou a Bagdá oriundo da Palestina, o Mufti de Jerusalém, Haj Amin al-Husseini,⁶ tornando-se forte incentivador da violência contra

⁴ Eskell Sassoon (1860-1932) foi estadista, economista e jurista iraquiano de origem judaica. Membro do governo e do parlamento iraquiano, foi o primeiro ministro das Finanças do Iraque entre 1920 e 1925. Teve importante atuação na organização jurídica e econômica do país recém criado. Foi chamado de “Pai do Parlamento do Iraque”. Eskell (em hebraico *Yechezkel*) foi também um ativista sionista que doou recursos para o Fundo Nacional Judaico, entidade que se encarregava então da aquisição de terras em Eretz Israel. Em sua homenagem foi constituído um Moshav (comuna agrícola coletiva) em Israel chamado Kfar Yechezkel, fundado na região da Galileia, ao norte de Israel em 1921.

⁵ TAGAR, 1981, p. 41-42.

⁶ Mohammad Amin al-Husseini, conhecido como Haj Amin al-Husseini, nasceu em Jerusalém em 1893 e morreu em Beirute em 1974. Foi um religioso muçulmano e líder nacionalista árabe da Palestina. Membro de uma das famílias muçulmanas mais



os judeus iraquianos.⁷ Líderes judeus foram intimados a emitir comunicados nos quais declaravam oposição ao movimento sionista e apoio “à heroica luta dos árabes contra os judeus na Palestina”. Os judeus iraquianos transformaram-se em reféns nas mãos de grupos ultranacionalistas, que apoiavam abertamente o regime nazista.

O auge da agonia judaica chegou em 1º de abril de 1941, quando um integrante do movimento fascista tomou o poder. Como dito anteriormente, Rashid Ali al-Gaylani tornou-se primeiro ministro, e a incitação contra os judeus, acusados de serem favoráveis às forças britânicas, intensificou-se. No mês seguinte, em maio, os britânicos reconquistaram a cidade de Basra ao sul, e no final daquele mês chegaram às portas de Bagdá. Rashid Ali al-Gaylani e Haj Amin al-Husseini fugiram da cidade, encontrando refúgio em Berlim. Na cidade de Bagdá reinava o caos e o governador militar, Yunes A-Sabau, incentivou o povo pelo rádio, a resistir às forças britânicas acampadas fora da cidade. O exército britânico permaneceu na entrada da cidade até o dia 2 de junho. Assim, num vácuo de poder, nos dias 1º. e 2 de junho, e aproveitando-se da instabilidade política, coincidindo com a festividade judaica de *Shavuot*, a população que saía das mesquitas após as orações, foi instigada a atacar o bairro judaico. Policiais, militares, agentes públicos e governamentais, juntaram-se à turba enfurecida que acusava os judeus de serem aliados dos britânicos.

Foi então que populares invadiram delegacias policiais tirando de lá armas, e vizinhos de ontem transformaram-se em inimigos. Em poucas horas teve início um grande *Pogrom* que se estendeu por dois dias. Nesse ataque que os judeus iraquianos chamam de sua *Noite dos Cristais*, centenas de lojas previamente marcadas com tinta vermelha foram atacadas e queimadas, estabelecimentos comerciais e casas foram

proeminentes de Jerusalém, ocupou as posições de mufti e presidente do Conselho Supremo Muçulmano da Palestina. Foi um feroz oponente do domínio britânico e opôs-se abertamente ao estabelecimento do Lar Nacional Judaico no território do Mandato Britânico da Palestina, conforme prometido pela Declaração Balfour de 1917. Seu papel de opositor atingiu o ápice durante a Revolta árabe de 1936-1939. Em 1937 fugiu da Palestina, refugiando-se sucessivamente no Líbano, no Iraque, na Itália e, finalmente, na Alemanha Nazista. Na Alemanha, encontrou-se com Adolf Hitler em 1941 e tentou obter o apoio nazista à independência árabe e ao pan-arabismo, e contra o estabelecimento de um estado nacional judaico. Em troca do apoio de Hitler à causa árabe na Palestina, Husseini promoveu o recrutamento de voluntários muçulmanos bósnios na Europa para atuarem junto às forças nazistas. Disponível em: < <http://www.jewishvirtuallibrary.org/haj-amin-al-husseini>>. Acesso em: 6 mar. 2017.

⁷ TAGAR, 1981, p. 38-39.



saqueados, sinagogas foram destruídas e a multidão enfurecida começou a desfilar pelas ruas, munida de facões atacando judeus de forma indiscriminada matando velhos e crianças, abrindo os ventres de mulheres grávidas, arrancando judeus de dentro de ônibus e massacrando-os com uma violência tão assustadora, semelhante apenas à empregada na mesma época na Europa. Esse massacre acabou após dois dias, quando os ingleses finalmente ingressaram na cidade, mas somente depois que o exército iraquiano tomou controle da situação. O resultado deste *Pogrom* conhecido como o *Farhud*, deixou um saldo de 179 mortos, 2118 feridos, 242 crianças órfãs e 50 mil judeus que tiveram seus bens saqueados ou destruídos.⁸

Ezra Tsabani traz um dos hinos do grupo paramilitar da juventude iraquiana, mostrando como a incitação à violência e o clima de um nacionalismo exacerbado, colocaram em risco a permanência judaica no país. Os discípulos desse agrupamento chamado *El Fatwa*, inspirados no movimento da Juventude Hitlerista, que no Iraque como na Alemanha, era formado por uma grande parcela dos jovens pré-universitários. Num dos seus hinos denominado *Nachnu El Shabab* (Movimento dos Jovens Guerreiros) é possível ler as seguintes palavras:

O Iraque a nós pertence assim como a Síria, o Egito e a Caaba em Meca. Nós rastejaremos sempre para a morte! Apenas para frente e sempre adiante. Construiremos e não confiaremos em ninguém, preferiremos ser aniquilados, não humilhados. Eis que na nossa frente, entre as colinas, estão erguidas as lanças brilhantes, pois ali marcham as delegações dos jovens. Preparem-se, preparem-se os valentes para a luta, sim, preparem-se, preparem-se para a *Jihad*. Bem vindos leões do deserto, bem vindos os defensores da pátria, preparem-se para preservar os nossos valores. Eis os soldados das nossas aldeias, nossos irmãos e defensores atenderam a nosso chamado. Oh mãe! Retira as tuas lágrimas e aguarda o nosso retorno, pois a pátria está nos convocando. Oh mãe! Saiba que não retornaremos até alcançarmos nossos objetivos, e mesmo que sejamos aniquilados ou cairmos como mártires, em frente avançaremos. Avante a *Jihad* (TSABANI, 2016, p. 40).

Esse trágico episódio somado à criação do Estado de Israel em 1948, assim como o recrudescimento da violência entre árabes e judeus foi o fato preponderante que acelerou o fim da milenar comunidade judaica iraquiana, que em sua grande maioria, decidiu abandonar o país, embarcando rumo à ilha de Chipre para depois,

⁸ TSABANI, 2016, p. 39; TAGAR, 1981, p. 38-39.



de lá, conseguir chegar a Israel na famosa operação de resgate e salvamento chamada Operação Ezrá e Nehemiá. Nessa histórica, ação de salvamento, 120 mil judeus chegaram sem praticamente nada entre os anos de 1950 e 1951, ao novo país recém-criado e que por sua vez, carecia de tudo o necessário para sua absorção.

O romance de Tsabani se inicia em 1939, no bairro judaico do pequeno mercado, ao leste da cidade de Bagdá, onde residia a humilde família de Juliet Dashti. Numa das casas geminadas, um telhado batia no outro e todos se conheciam, num pequeno prédio, vivia esta família de sete pessoas. Na parte térrea estava o salão, o banheiro e a cozinha e no andar de cima, os cômodos onde a família dormia. E no meio da sala estava ela, a *Tatiz*, a máquina de bordar. Nela, Juliet, a mais velha de cinco irmãos, sentava dia e noite dedicada à arte minuciosa de bordar. Aos sete anos Juliet abandonou a escola no segundo ano escolar para começar a trabalhar.

Seu pai Efraim e sua mãe Tsachla Dashti, casaram num arranjo entre famílias, e sendo ambos analfabetos, não conseguiam o sustento familiar. Após abandonar a escola, Juliet ainda uma menina, emprega-se na oficina de Geórgia e esta lhe ensina a arte de bordar. Após um período de experiência, ela ganha a confiança de Geórgia e torna-se a mais importante operária, especializando-se no funcionamento da máquina de bordar. Diariamente Juliet dirigia-se à sua oficina passando por ruelas estreitas onde o esgoto corria a céu aberto. Aos 15 anos, já era a provedora da família e a responsável pelo sustento das outras seis pessoas que dependiam inteiramente de seu trabalho.

Ela possuía dois irmãos: Tsalach e Hezkel que não estudavam pois os professores judeus e muçulmanos, estes agentes impostos pelo regime nacionalista iraquiano, aplicavam-lhes fortes castigos corporais diante de qualquer tentativa de desobediência. Mas além de ser a provedora do sustento, Juliet foi assumindo a chefia de sua família, fato não muito comum no mundo patriarcal tanto árabe como judaico oriental, e quando Tsalach, seu irmão decidiu abandonar a escola israelita, foi ela quem teve a ideia de convencer seu tio, Yeoshua, que era um conhecido ourives, a empregar seu irmão como aprendiz. Juliet fica satisfeita após obter sucesso nesta empreitada como diz o romance: “Um sentimento de satisfação pulsava em seu corpo: mais uma ideia sua se tornara realidade. Ela sentiu-se feliz por ter ajudado seu irmão caçula, pois sabia que era ela, a responsável por encontrar a solução para cada problema que surgia em sua família. Nestas atitudes revelava-se sua grandeza” (TSABANI, 2016, p. 25).

Quando a vida parecia seguir seu rumo pacato e humilde, a comunidade judaica foi sacudida pelo *pogrom*. Tinha se iniciado o *Farhud*. Juliet então com 17 anos testemunhou, como antigos e cordiais vizinhos, transformaram-se em inimigos. Os próprios vizinhos juntaram-se à turba enfurecida com o intuito de massacrar os



judeus. A respeito da personagem, que se encontrava na casa de seu tio no momento do ataque, o narrador relata que:

Um grande temor tomou conta dos membros da casa. Todos decidiram descer até o porão. Enquanto eles desciam para procurar proteção, Juliet jogou-se para fora daquela residência e começou a fugir daquele bairro. Ela correu descalça e as solas de seus pés sangravam. O caminho foi longo, mas ela continuou correndo com todas as suas forças, da casa de seu tio até sua própria casa. Ela temia cruzar com os agitadores, e no caminho rezou para conseguir chegar em paz. Ela não podia deixar seus pais e irmãos à própria sorte (TSABANI, 2016, p. 38).

Um ano após o *Farhud*, em abril de 1942, começaram a chegar a Bagdá delegados de Eretz Israel liderados por Enzo Sereni,⁹ com o intuito de organizar a adesão dos judeus do Iraque ao movimento sionista. Sua atuação se dava no mais absoluto sigilo e a atividade que ocorria de forma clandestina, era passível de prisão e até de execução sumária, sob acusação de traição à pátria. O movimento *Hechalutz* (O Pioneiro), procurava moldar seus novos discípulos no trabalho agrícola, preparando-os para a imigração para a Palestina. Em 1945, os membros do *Hechalutz* somavam 1700 membros no país, 1200 deles em Bagdá, e quando os britânicos deixaram o Iraque, a atuação clandestina do movimento tornou-se a cada dia mais arriscada.

Mesmo correndo perigo, Juliet aprovou quando seu irmão Tsalach engajou-se no movimento clandestino sionista. Mas além de tomar cuidado com a polícia iraquiana,

⁹ Enzo Sereni (1905-1944) foi um importante líder e ativista sionista, nascido no seio de uma destacada família judia de Roma. Em 1927 imigrou para a Palestina e foi um dos fundadores do Kibutz Guivat Brenner. Em 1942 partiu para o Iraque com o objetivo de organizar ali os movimentos juvenis sionistas e as atividades políticas dos judeus de Bagdá, incentivando-os a fugirem clandestinamente para a Palestina. Em 1943, juntou-se à Brigada Judaica que sob o comando britânico, participou da conquista do sul da Itália do domínio nazista. Em 1944 juntou-se a um grupo de jovens que voluntariaram-se para saltar de paraquedas atrás das linhas de defesa do exército nazista, com o objetivo de organizar ali a resistência judaica. Sereni saltou de um avião de guerra britânico ao norte da Itália, porém foi capturado pelas tropas alemãs, levado ao campo de concentração de Dachau onde foi morto em 18 de novembro de 1944. Desse grupo, formado por 37 jovens judeus da Palestina, fez parte também Hannah Senes, que foi capturada ao atravessar a fronteira com a Hungria, e morta pelos nazistas em Budapeste em 07 de novembro de 1944 (GLITSHTHEIN, 1981, p. 80).



era preciso especial cautela para não chamar a atenção de alguns membros da própria comunidade judaica, que se opunham terminantemente à atividade sionista, temendo serem vistos e tachados como membros não leais à nação iraquiana. Até mesmo o rabino chefe dos judeus do Iraque, o grande sábio Sasson Haduri, foi obrigado a declarar publicamente que a Palestina pertencia aos árabes, e que os judeus do país guardavam total lealdade à pátria (TSABANI, 2016, p. 54).

Após *pogrom*, Juliet casou com Nissim, um vendedor de tecidos no grande mercado, e os dois passaram a viver na casa dos pais do noivo como mandava a tradição no Iraque, mesmo entre os judeus. Mas ao perceber que sua família voltara a passar sérias necessidades, ela rompeu com a forte tradição da sociedade patriarcal árabe e decidiu voltar a trabalhar na casa de seus pais. Sendo ela a irmã mais velha, era preciso reassumir a liderança e voltar a ser sua provedora. Após um ano e meio, ela e seu marido alugaram para si um apartamento, mas Juliet continuou trabalhando com rigor em sua máquina de bordar, para sustentar agora duas famílias.

Em 14 de maio de 1948, a independência do Estado de Israel foi proclamada e o exército do Iraque engajou-se na luta contra a nova nação, sendo derrotado junto com os outros países árabes em 1949, na Guerra da Independência. Ao mesmo tempo, a perseguição da polícia iraquiana contra ativistas considerados subversivos intensificou-se. Assim diz o narrador

Até a criação de Israel, existiam serviços de correio entre o Iraque, a Palestina e outros países da Europa. Após a decisão da Partilha de 1947, o governo do Iraque começou a controlar todo tipo de correspondência, em especial, todas as cartas destinadas a lares de cidadãos judeus. Foi criado um órgão de supervisão com o intuito de lutar contra qualquer tentativa de traição à pátria, em especial, contra os sionistas e os comunistas, que atuavam fortemente naqueles tempos pelos subterrâneos de Bagdá (TSABANI, 2016, p. 171).

A polícia ampliou as incursões contra endereços de suspeitos de serem agentes sionistas, e muitos judeus foram levados para a prisão e submetidos a julgamentos sumários. Com a ajuda de Israel foi organizada uma operação secreta comandada pelo *Mossad*, o serviço secreto, para a imigração clandestina, que tinha por objetivo retirar do país rapidamente a todo membro sionista passível de ser preso. Desta forma, centenas de adolescentes e dirigentes dos movimentos juvenis sionistas, foram levados para Basra, e dali, atravessando o Rio Tigre em botes, foram levados primeiro para Abadan, e posteriormente para Teerã, também no vizinho Irã.

As relações entre muçulmanos e judeus tornaram-se a cada dia mais tensas, quando os últimos eram constantemente acusados de serem agentes comunistas e sionistas.



Em 1950, o parlamento do Iraque aprovou uma lei que vigoraria por um ano, permitindo a saída dos judeus que se dispusessem a abandonar seus bens e renunciassem à cidadania do país. O governo do Iraque que não tinha interesse em se desfazer de todos os judeus, já que muitos deles faziam parte da classe média e tinham forte presença no comércio local, desejava livrar o país apenas daqueles que eram considerados perigosos e hostis, imaginando que entre cinco e seis mil deles, abandonariam o país. Mas o governo foi pego de surpresa, quando até março de 1950, 80 mil judeus tinham renunciado a permanecer naquele lugar.

As lembranças do *Pogrom* vivenciadas durante o *Farhud*, deixaram marcas tão profundas que a maior parte da comunidade judaica decidiu partir. A família Dashti não sabia o que fazer, se ficar ou partir. Nesse momento, Juliet novamente assumiu a responsabilidade que sempre lhe coube no romance, e decidiu que tinha chegado a hora de recomeçar a vida em Israel. Juliet vendeu suas máquinas de bordar e a família iniciou os preparativos para a grande partida. Em junho daquele 1950, uma bomba foi lançada na oficina que organizava a documentação dos que desejavam ir embora, o que acelerou a correria e a vontade de mudança.

O dia tão aguardado chegou, e em 20 de junho a família Dashti estava no aeroporto de Bagdá. Por ordem governamental, lhes foi permitido levar apenas duas malas com roupas para os sete membros. As casas abandonadas passaram a ser habitadas por muçulmanos e parte dos bens confiscados, foram destinados à luta dos árabes da Palestina contra Israel. Nove meses depois, em março de 1951 chegou a vez de Juliet, seu esposo Nissim e seus dois filhos que embarcaram para Chipre e dali para Israel. Ao chegar a seu destino final, o narrador nos diz que: “Ao descer do avião, Juliet se deitou para beijar a terra sagrada. Juliet murmurou que o anelado sonho de dois mil anos de exílio se realizara, e no fundo de seu coração pediu ao Todo Poderoso uma nova vida”. (TSABANI, 2016, p. 207) O exílio estava encerrado mas um duro recomeço ainda aguardava a esta família e à maior parte da comunidade iraquiana na tão sonhada pátria judaica.

Referências

ADERET, Ofer. Leil habdolach shel yehudei Irak (A Noite dos Cristais dos judeus do Iraque). *Haaretz*, 30 mai. 2014. Disponível em: <<http://www.haaretz.co.il/premium-1.2335776>>. Acesso em: 4 ago. 2016.

AMIR, Eli. *Mafriach hayonim* (Quem faz voar os pombos). Tel Aviv: Am Oved, 1992.

ETTINGER, Shmuel. *História del Pueblo Judio: La Edad Moderna y Contemporánea*.



Madrid: Alianza, 1988.

GILBERT, Martin. *História de Israel*. Trad. Vera Martins. São Paulo: Edições 70, 2010.

GLITSHTHEIN MEIR, Esther. Hapraot beyehudi Bagdad (Os distúrbios contra os judeus de Bagdá). *Peamim*, n. 8, p. 21-37, 1981.

GLITSHTHEIN MEIR, Esther. *Teudot hal hapraot beBagdad veal tguvat haysuv beEretz Israel* (Documentos sobre os distúrbios em Bagdá e sobre a reação do Ishuv em Eretz Israel). *Peamim*, n. 8, p. 60-91, 1981.

JOHNSON, Paul. *História dos judeus*. Trad. Henrique Mesquita e Jacob Volfzon Filho. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

LAQUEUR, Walter. *História del Sionismo*. Jerusalém: La Semana Publicaciones. 1988.

MORAD, Ezra. *Pogrom Hafarhud beIrak* (O Pogrom do Farhud no Iraque). Disponível em: <<http://www.parshan.co.il>>. Acesso em: 4 ago. 2016.

REGUEV, Ofer. *Hanakba hayehhudit: 75 shaná leheroei afarhud beirak* (A Nakba judaica: 75 anos do Farhud no Iraque). Disponível em: <<http://midia.org.il>>. Acesso em: 4 ago. 2016.

SACHAR, Howard M. *História de Israel I e II*. Da Ascensão do Sionismo ao Nosso Tempo. Rio de Janeiro: A. Koogan, 1989.

TAGAR, Yehuda. *Hafarhud biktavim bearavit meet medinaim umechabrim iraqiim* (O Farhud nos escritos em árabe de políticos e autores iraquianos). *Peamim*, n. 8, p. 38-45, 1981.

TSABANI, Ezra. *Rokemet Hachalomot miBagdad* (A bordadeira dos sonhos de Bagdá). Tel Aviv: Gvanim, 2016.

Recebido em: 31/03/2017.

Aprovado em: 06/04/2017.